

As fragmentações que nos constituem

Thaís Santos Thurler e Silva

É curioso e fascinante observar as mudanças do ser e compreender que aquilo que fui ontem já não se adequa ao hoje. E o hoje já não se adequa ao amanhã. É como olhar para uma fotografia e perceber resquícios de quem fui e esses resquícios se transformarem em pequenas gotículas as quais um dia fizeram parte do meu ser.

Não imaginei que uma simples fotografia pudesse catalogar a impressão de minha alma e ao mesmo tempo refletir o reflorescer da mesma. Qual será a impressão de meu florescimento a seguir? Será que não perceberei, que apesar de gotículas, ainda sou em alguma medida a mesma que fui ao anoitecer?

-Autoria própria

A memória é algo engraçado e curioso. Dependendo do momento e estado de espírito em que estamos, ela pode ser interpretada de formas e perspectivas diferentes.

Com a proposta de descrever alguma vivência escolar, parei e refleti sobre todos os espaços e momentos que vivenciei, as pessoas que conheci, perdi ou com as quais não consegui criar ligações e afetos. Escolher somente uma memória foi algo difícil pois enxergo-as como pequenos fragmentos do eu, aquele eu que se forma e transforma a todos os momentos.

A escola sempre foi um espaço que me chamava a atenção e despertava certo fascínio. Por ser a mais nova da família, não podia frequentá-la na mesma época que meus primos. Lembro que eles contavam suas histórias e experiências marcantes, fossem elas felizes ou tristes, quando retornavam à casa e eu ficava ali sonhando acordada para ter o meu momento tão especial. Lembro que brincávamos de escola e assim eles me incluíam em seus rituais, suas brincadeiras e condutas dentro e fora de sala.

Através de seus olhos e falas, eu vivenciava todas as experiências e de certa forma minha expectativa aumentava cada vez mais: o que iria encontrar lá? Teria amigos também? Será que chorarei ao me despedir de meus pais? Fiquei bastante tempo envolta em tais pensamentos até o dia em que finalmente adentrei no espaço escolar e só de perceber que nada seria igual e ao mesmo tempo seria convidativo, embarquei nesse mundo e nunca mais parei.

Poderia relatar diversas experiências vividas naquele espaço, como o meu primeiro aniversário, primeira festa escolar, primeira dança, amizades incríveis, tombos e acidentes, estando um desses marcado em meu ser e minha pele até hoje. Ouvimos, quando crianças, que as cicatrizes são memórias que tendem a apresentar uma duologia de sentimentos e percepções. E, hoje, como professora em formação e ainda como estudante, consigo apalpá-la em meu ser e perceber suas fragmentações.

É algo que me constitui e perpassa meus caminhos e trejeitos. Entretanto, como fragmento escolhido, resolvi rememorar algo que na minha concepção e percepção deixou em meu ser uma cicatriz amarga e feia.

Não lembro ao certo em qual ano estava, mas recordo-me que a escola em que estudei era pequena, agradável e minha prima era a professora, sendo assim me sentia segura em habitar tal espaço e sempre concebi a escola como um local que remete a trocas e afetos.

Nesse primeiro espaço, chegava com minha prima e a ajudava a ilustrar desenhos, sentindo aquele cheirinho maravilhoso do mimeógrafo. Como aquilo me alegrava! O simples ato de me enxergarem como pessoa e ser acolhida bastava e ficava em mim um gostinho de querer estar sempre naquele lugar.

Conforme fui crescendo, precisei mudar de escola, passei para um local maior e sem um porto seguro. Dá para imaginar o tamanho estranhamento e sensação de desconforto que senti, achava curioso a forma em que escola era organizada, seus alunos eram tão amargos e sem paixão, os professores não sorriam; não nos enxergavam como pessoas, apenas coexistiam ali, na sublime representação corpórea de um ser vivo e nada mais, não tínhamos risos, somente tarefas e silenciamentos.

As fragmentações que nos constituem

Sentia tanta raiva de estar naquela escola que nem amizades conseguia formar e estava infeliz por isso, mas ao mesmo tempo com saudades do meu porto seguro, questionava o que não sabia e tentava ao menos tirar algum proveito do espaço no qual fui inserida, minha educação e estudo eram e são até hoje insubstituíveis e totalmente apreciados.

Continuei seguindo os dias, as semanas e os meses até que chegou a famosa reunião de pais e a renovação de matrícula. Até este ponto estava tudo certo — bom, achei que estava — mas dali surgiu algo que mais me marcou em tudo que poderia ouvir ou sentir referente àquela escola — meus pais sempre priorizaram um relacionamento aberto entre nós, poderíamos falar de diversos assuntos e tentar entender o que estava acontecendo — portanto, quando recebi a fala que minha mãe havia ouvido na escola, tive a certeza de que esta escola nunca seria acolhedora, humana e, esses marcantes sentimentos exacerbar minhas boas lembranças da antiga escola, apreciada e engrandecida em meu ser.

De certa forma, essa fala me marca até hoje nos espaços que frequento: “Mãe, a Thaís é muito inteligente e participativa, mas ela fala e pergunta muito”. A partir desse momento, fechei-me e comecei a apresentar uma personalidade tímida e pouco falante, pois achava que o meu ato de falar e questionar não se adequava mais àquele espaço. Eu não conseguia entender porque em alguns espaços o falar era aceito e naquele era visto como algo negativo e que deveria ser podado.

Foi necessário revisitar meu local de estudante e perceber que há certos rótulos que nos assombram e perseguem ao longo de nossas vidas, mas que isso não define e nem pode refrear quem somos ou quem seremos. Isso nos deve lembrar o quão importante é não nos definirmos por tais rótulos impostos por outrem.

Rememorar tais acontecimentos machucam o eu frágil do passado e que habita nas frestas que ainda não curou, mas é necessário evoluir e sair das amarras impostas a nós e muitas vezes por nós mesmos.

SOBRE A AUTORA

Thais Santos Thurler e Silva é graduada em pedagogia pela Universidade Federal

Fluminense. Enxerga na poesia uma maneira de externalizar e vivenciar o mundo por outras óticas. Revisitar a escola faz com que a autora se pergunte “Sempre foi assim? Será que o papel social e educacional realmente contempla os corpos presentes ou apenas mascara as práticas recorrentes? Foi bolsista de extensão no início da graduação e atualmente é residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica e atua como professora em uma ONG em São Gonçalo. Além disso, publicou dois ensaios (individual e em grupo) pela revista *Pedagogia Social* da Universidade Federal Fluminense.